

O duplo deslocamento do motivo do encontro feérico e a questão genealógica

Cristina Álvares
(Universidade do Minho)

Vamos partir desta constatação de que a grande maioria das narrativas dos séculos XII e XIII, nomeadamente *lais* bretões feéricos e romances arturianos, possuem uma estrutura bipartida organizada em torno de um eixo que faz circular o protagonista entre dois lugares de sinal contrário. H-R. Jauss notou que a particularidade do romance arturiano em relação ao que ele chamava conto de fadas é que o mundo arturiano funciona como contraponto ao mundo maravilhoso da aventura (Jauss1963:68). E R.P.Pickens afirmou que tanto a primeira como a segunda partes dos romances de Chrétien se organizavam de acordo com o modelo dos *lais* de Marie de France, caracterizado por uma oposição entre o mundo familiar e o mundo estranho entre os quais a circulação do herói adopta vários percursos possíveis. Ora, em muitos *lais* e romances bretões, o eixo que determina ou pelo menos regula a mobilidade do protagonista entre os dois lugares de sinal contrário, familiar e desconhecido, é o motivo do encontro feérico, i.e., o encontro de um ser humano com um ser do outro mundo e do outro sexo. É o que se passa em *lais* como *Graelent*, *Guingamor*, *Désiré*, *Lanval*, *Tydorel*, e também em muitos romances de finais do século XII nos quais o motivo do encontro feérico determina a passagem do herói para um mundo que é não apenas estranho mas inquietantemente estranho¹. O meu propósito nesta comunicação é i) repetir que o motivo do encontro feérico estrutura a primeira parte de romances como *Yvain* (1180), *Partonopeu* (1182) e *Florimont* (1188); ii) mostrar que em *Bel Inconnu* (1190) e na *Continuation Gauvain* (1190-1200), o motivo do encontro feérico sofre

¹ A questão central do romance arturiano, e não só, em finais do século XII, é de facto o encontro do cavaleiro com o feérico, entendido como alternativa à vida humana (ou arturiana); o feérico não é apenas estranho, é inquietantemente estranho (*Unheimliche*) e não é por acaso que utilizo esta noção freudiana cujo conteúdo psicosexual se ajusta ao ser-de-outro-sexo do feérico.

transformações, uma das quais faz dele algo de exterior ao romance: ele aparece como evento pré-diegético narrado *après-coup* por uma personagem. Trata-se de um duplo deslocamento do motivo que combina os domínios do nível narrativo e da ordem temporal. Ele implica que o encontro feérico é aqui menos uma experiência erótica vivida pelo herói do que uma narrativa sobre a sua origem. Esta transformação foi notada por Ruiz Domenec que a formula como *a introdução das fadas no mundo dos valores genealógicos* (1986:228). Deste modo, vê-lo-emos, o feérico é menos um lugar do que um tempo, o que se traduz narratologicamente pela ordem artificial dos eventos diegéticos (começo *in medias res*, analepse).

A questão genealógica entre Morgana e Melusina

Narrando o encontro de um ser mortal e de um ser imortal, o motivo do encontro feérico não é um exclusivo ou uma invenção do lai bretão. Ele transcende até o âmbito da matéria da Bretanha e encontra-se no folclore universal, como a leitura de *Les fées au Moyen Âge*, de Laurence Harf-Lancner e de *Pensée mythique et narrations médiévales*, de Jean-Jacques Vincensini o comprova. Para Vincensini o motivo do encontro feérico estrutura uma forma narrativa a que ele chama narrativa melusiniana. Trata-se de uma sequência narrativa constituída por quatro eventos - encontro, interdito, transgressão, perda – que configura o encontro feérico como encontro falhado. A designação *melusiniana* evoca a polémica entre Vincensini e Harf-Lancner. Harf-Lancner distingue dois tipos de esquemas narrativos ou contos: os contos melusianos e os contos morganianos. No conto morgaliano,

“un être surnaturel s’éprend d’un être humain et l’entraîne dans l’autre monde. Le retour du mortel parmi les siens est lié au respect d’un interdit dont la transgression provoque

la mort du héros ou sa disparition définitive dans l'autre monde. Cette union demeure stérile" (1984:10). O conto melusiniano é aquele em que

un être surnaturel s'éprend d'un être humain, le suit dans le monde des mortels et l'épouse en lui imposant le respect d'un interdit. Il regagne l'autre monde après la transgression du pacte, laissant une descendance (idem, p.9).

Vincensini anula esta distinção, argumentando que os dois tipos de narrativa partilham a transgressão do interdito como evento central que transforma o encontro feérico em encontro falhado. O sentido diametralmente oposto do desenlace em cada um dos contos não é, para Vincensini, uma distinção pertinente, já que a análise do seu vasto *corpus* o leva a concluir que há uma extrema diversidade de desenlaces só subsumíveis na categoria da individuação a qual retoma, no estágio final da narrativa, a individuação inaugural, ou seja, a disponibilidade, a singularidade e a precaridade que predis põem o sujeito ao encontro feérico.

On observe alors, escreve Vincensini, qu' au terme de son destin "mélusinien" (qu'il meure ou non), le mortel revient, non pas nécessairement à son lieu de départ mais, semble-t-il, aux dispositions initiales qu'il connaissait à l'initiale du récit (1996, p.145).

Em relação à distinção conto morgânico-conto melusiano, a noção de narrativa melusiana tem a vantagem e a elegância teóricas de uma maior capacidade de subsumção. Pergunto-me, no entanto, se a distinção morgânico-melusiano não terá

alguma utilidade quando está em causa a recepção de um determinado grupo de textos narrativos, logo da sua função social ou *Sitz im Leben*. Será que, por exemplo, a questão da descendência, ou melhor, da linhagem, não tinha uma significação vital para os homens da época, nobres e cavaleiros ? Significação vital que seria não apenas de ordem antropológica ou bio-antropológica mas também bio-política e social e historicamente enquadrada. Deste modo, a apreensão das estruturas narrativas destes textos parece ser insuficiente e deverá ser completada com a das configurações discursivas. Podemos considerar que a distinção morganiano-melusiniano representa para as audiências cortesãs uma alternativa: ou abandonar o mundo do laço social, da lei e da linhagem e gozar a felicidade eterna com a fada no outro mundo; ou permanecer no mundo em que a sucessão genealógica se estabelece sobre a perda da felicidade feérica².

Do erótico para o genealógico

Yvain, Partonopeu, Florimont: o feérico como espaço e a inquietação amorosa

Apesar de concordar com a distinção estabelecida por Harf-Lancner, passarei a usar o termo *narrativa melusiniana* em vez de *motivo do encontro feérico* para evitar a confusão com o encontro feérico enquanto evento constitutivo desse mesmo motivo, tal como o interdito, a transgressão e a perda. Esta análise mantém a distinção morganiano-melusiniano e situa-se ao nível das configurações discursivas, recorrendo às categorias da narratologia genettiana.

² Ainda que um lai como *Désiré* combine os dois tipos de desenlace morganiano e melusiniano (*Désiré* é levado para o Outro mundo pela fada, deixando um filho e uma filha no mundo do rei), a alternativa não deixa de se colocar.

Consideremos então que a narrativa melusiniana estrutura grande número de narrativas dos séculos XII e XIII, nomeadamente lais e romances. Três desses romances - *Yvain*, *Partonopeu* e *Florimont* – foram classificados como morgonianos na medida em que o encontro feérico se salda pela estadia (provisória) do cavaleiro no lugar da fada. Mas o que me interessa pôr aqui em relevo é que em *Yvain*, *Partonopeu* e *Florimont*, os eventos que constituem a narrativa melusiniana – encontro, interdito, transgressão, perda do ser feérico - sucedem-se em boa ordem natural em narrativa primeira. A transgressão do interdito e a perda da fada constituem o núcleo crítico que divide o romance em duas partes. O período de grande felicidade que prolonga o encontro é vivido num espaço que, se não é o outro mundo céltico em boa e devida forma, é um mundo à parte, marginal e clandestino, um *ersatz* ou sucedâneo de Avalon. Trata-se, no *Yvain*, do domínio da Fonte, guardado zelosamente de todo e qualquer intruso pelo marido da Dama; no *Partonopeu*, trata-se da cidade de Chief d’Oire (Bizâncio) que é um espaço insularizado pelo trajecto circular do rio Oire, logo, o lugar onde nascente e foz coincidem; em *Florimont*, Florimont e a Pucelle de l’île Celée encontram-se num lugar recôndito na floresta sem que o sujeito chegue a ser arrebatado para a île Celée³. A segunda parte destes romances narra as aventuras e feitos de armas dos cavaleiros, no final dos quais cada um deles acede ao estatuto de senhor da terra (domínio da Fonte, Bizâncio, Grécia), através do casamento com uma herdeira que pode ou não ser a mulher previamente perdida. Por outras palavras, eles obtêm um lugar no mundo⁴.

³ Daí que Harf-Lancner os classifique como morgonianos, já que o seu traço essencial é o arrebatamento do herói para o outro mundo (ainda que para Florimont esse arrebatamento seja só uma tentação que não chega a concretizar-se).

⁴ O desenlace dos romances não é, portanto, o desenlace morgiano, como Harf-Lancner afirma com insistência. Também não é o desenlace melusiniano.

Bel Inconnu: o feérico como tempo e a inquietação genealógica

Passemos ao *Bel Inconnu*. A estrutura do romance complexifica-se. Antes de mais, temos não uma mas duas narrativas melusinianas, dois encontros de Guinglain com a Pucelle aux Blanches Mains que vive na Île d'Or. De cada vez, Guinglain perde-a na sequência da transgressão de um interdito implícito (que é mais uma norma de etiqueta) ou de âmbito geral: da primeira vez, ele deixa-a *come vilains* (v.3120), da segunda desobedece-lhe e é expulso do domínio feérico. Ao contrário de Yvain, Partonopeu e Florimont, que passam por uma grave crise de loucura como reacção à perda da fada, Guinglain não fica muito transtornado. O que parece ser mais relevante para ele é a aventura do Fier Baisé que se encontra no meio do díptico formado pelas narrativas melusinianas. A aventura do Fier Baisé é uma operação de desencantamento que consiste em deixar-se beijar por uma monstruosa serpente de lábios vermelho que, no dia seguinte, aparece sob a forma de Blonde Esmérée, a princesa que tinha sido enfeitiçada. Mas entre o beijo da serpente e o aparecimento da princesa, o sujeito deixa de ser um *bel inconnu* e acede ao conhecimento do seu nome e da identidade dos seus pais, ou seja, é inserido numa linhagem. Uma voz *off* diz-lhe que ele se chama Guinglain e é filho da fada Blancemal e de Gauvain :

Li fius a mon signor Gavain,
Tres bien le savoie de voir
Que chevalier n'aroit pooir (...)
El monde n'a un chevalier
Tant preu, ne tant fort ne tant fier,
Qui osast enprendre sor soi,
Fors ton pere Gavain et toi (...)
Guinglains as non en batestire.
Tote ta vie te sai dire:
Mesire Gavains est tes pere;

Si te dirai qui est mere:
Fius es a Blancemal le fee; (*Bel Inconnu*, v.3215-7,3222-6,3233-7)

Esta narrativa segunda é uma analepse externa que explica e anula o incógnito inicial do sujeito (*Bel Inconnu*) relatando retroactivamente um evento pré-diegético : o encontro de Gauvain com a fada Blancemal. Ou seja, podemos deduzir, um encontro feérico que não se saldou pela estadia definitiva do sujeito no outro mundo, mas antes pela descendência. Neste romance coexistem as duas formas de acesso ao feérico: a espacial e a temporal, a existencial e a narrativa, a vivida e a ouvida, a inquietação amorosa e a inquietação genealógica. Mas a introdução desta segunda modalidade sugere que o feérico tende a deslocar-se do espaço para o tempo : o que perturba o sujeito não vem de um outro lugar mas de um outro tempo; não tem a forma da presença de uma mulher mas antes de uma ruptura na cadeia da filiação. A aventura individual aparece então ligada a uma perturbação genealógica que é o encontro feérico dos pais do herói. Deste modo, o feérico, sem deixar de ser uma experiência erótica, é também o fantasma da cena primitiva. Note-se ainda que nesta modalidade temporal, os eventos que constituem o narrativa melusiniana – encontro, interdito, transgressão, perda – são reduzidos ao primeiro que é, sem dúvida, o que mais se presta a representar a cena primitiva.

***Guérréhès* : a questão genealógica e a alternativa morgânico-melusiniano**

Vejam agora a *Continuation Gauvain*. Não tratarei aqui, porque não há tempo, de Lionel e de Caradoc. Direi apenas que em ambos os casos o encontro feérico é relatado ao filho pelo pai como o evento que está na sua origem. Os dois relatos, que

repetem e resumem o que o narrador extra-diegético já contou, constituem analepses internas.

Quanto ao ramo VI da *Continuation Gauvain*, ele tem a particularidade de explicitar a relação do romance com um lai específico, o de *Guingamor*. Brangemor é o nome de um cavaleiro trespassado que surge na corte de Artur como um perturbador enigma. A carta que o acompanha, em vez de revelar a sua identidade, reclama vingança. Caberá a Guerréhès, ainda que involuntariamente, levar a cabo a vingança, transferindo o ferro do cadáver para o corpo do cavaleiro que matara Brangemor. Missão cumprida, Guerréhès regressa à corte acompanhado da amiga do misterioso cavaleiro trespassado. É ela que explica o sentido da aventura de Guerréhès. Para começar revela o nome do cavaleiro trespassado:

La gist mors li rois Brangemuers,
Ainc ne naqui nus miudres cuers
Que fu li siens; rendés le nos,
Si ferois maint home joios. (*Continuation Gauvain*, v.9433-6)

Mas para revelar a sua identidade a donzela tem de narrar a sua origem. Resume então o lai de *Guingamor* que surge assim compactado em analepse externa como um evento pré-diegético:

Sire, Guingamuers l'engendra
En une fee qu'il trova.
Mais bien avés oï parler
Coment çaça le sengler;
Bien avés oï qu'il devint,
Et de ma dame quil detint.(idem, v.9437-42)

Atentemos na organização deste compacto do *Guingamor* que se divide em três sequências de dois versos cada. Antes de mais, os dois primeiros versos articulam o

encontro feérico, não do ponto de vista do seu protagonista, Guingamor, mas já do ponto de vista do filho: o encontro feérico é acto de procriação. Os dois versos seguintes referem a perseguição frenética da presa incapturável (o javali branco) que levou Guingamor a atravessar a fronteira aquática que separa os dois mundos e a passar para o lado de lá onde encontrou a fada. Finalmente os dois últimos versos dão conta do desenlace morgânico do lai de *Guingamor*: a fada reteve o cavaleiro consigo, no seu mundo. Mas este desenlace morgânico deixou um resto no mundo arturiano : o filho cujo cadáver se encontra na corte de Artur. Que pretende ao certo a donzela quando pede a Artur que lhes devolva o corpo de Brangemor ?

Et la roïne Brangespart
Molt iert lie, se Deus me gart,
Se vos li renvoiés le cors,
A morir l'estevoit ça hors;
Mortaus estoit devers le pere,
Mais si n'ert pas devers sa mere;
Por ço fu ses nons mipartis,
Bien est drois que il vos soit dis.
Branguemuers avoit non li rois,
Jamais nen iert nus si cortois.
Li "brans" fu de par la roïne,
Ce savons bien, c'est verté fine;
Li "guemuers" fu de par le pere,
Ensint le fist nomer sa mere.
Sire, or vos ai son non nomé. (idem, v.9443-57)

O longo discurso da donzela prolonga o compacto do lai para proceder à análise do nome de Brangemor e explicar assim a Artur o que espera dele. Composto de parte do nome da mãe e de parte do nome do pai, o nome do filho dá conta da sua dupla natureza mortal e imortal, humana e feérica. Comparemos com Guinglain. Enquanto que a narrativa da origem do sujeito é dirigida ao próprio (o filho), aqui essa narrativa é dirigida a outrém (à corte). Enquanto que, para Guinglain, a narrativa da origem do sujeito salienta e valoriza o nome do pai (v.*supra*, p.6-7), o qual é fundamental para o

reconhecimento da identidade e do valor do filho pela corte arturiana, aqui o que é posto em relevo e o que a corte deve sancionar é que, uma vez identificado, o filho regresse à mãe, pois é a parte feérica e imortal que é colocada como a melhor, a mais autêntica, a que prevalece. O nome do pai, assimilado à natureza humana e mortal, representada pela ferida de que Brangemor morrera, deverá ser anulado na devolução do corpo à mãe, no seu regresso ao outro mundo. Note-se que a donzela não menciona o pai quando pede a Artur que restitua o corpo :

Rendés le cors a la roïne;
Lors avra sa joie enterine,
Se le roi son fil voit venir; (idem, v.9467-9)

Deste modo, aquilo que começa por ser um prolongamento melusiniano do lai de *Guingamor*, através do tema da descendência, tem afinal uma solução morganiana: a fada fica com o pai e com o filho, o outro mundo absorve também a descendência do cavaleiro. Parece-me que o *Bel Inconnu* e a *Continuation Gauvain*, romances que, diferentemente de *Yvain*, *Partonopeu* e *Florimont*, dão prioridade à tematização da questão genealógica, comprovam que há uma relação entre esta questão e a alternativa morganiana-melusiniana. Aceitemos com Vincensini que o desenlace das narrativas não é relevante para a sua categorização e que tanto romances como lais entram na categoria de narrativas melusinianas pois é a sequência melusiniana – encontro, interdito, transgressão, perda – que fundamenta a sua estrutura e irriga a sua significação. Ainda assim, não deixa de ser notório que os casos analisados autorizam a distinção proposta por Harf-Lancner e permitem ainda relacioná-la com a inquietação genealógica que os preocupa bem mais do que a inquietação amorosa. Parece ser, portanto, a questão da origem do sujeito, como ponto fulcral para a sua inserção social, que torna sensível a alternativa morganiano-melusiniano - ou, para equacionar o problema noutra léxico, a

alternativa entre incesto e nome do pai, colapso da sexualidade no somático ou organização da sexualidade na esfera do sentido, abolição ou assunção da ordem genealógica.

A opção do romance pela segunda alternativa manifesta-se com força nos romances de finais do século XII, início do século XIII, para cujos protagonistas – a que Marie-Luce Chênerie chamou os cavaleiros da segunda vaga – a função paterna constitui problema: Guinglain, Fergus, Yder, Meriadeuc, Beudous, Caradoc, Lionel. Por isso, se é possível deduzir, ao ler Howard Bloch, que o romance é o género dos filhos sem pai, um dos catalizadores mais importantes das aventuras dos cavaleiros é o acesso ao nome, através do conhecimento do nome do pai, como operação imprescindível na obtenção de um lugar no mundo (na ordem arturiana)⁵. Mas esta opção pela ordem genealógica (humana) não deixa de ser acompanhada de uma nostalgia daquilo a que se renuncia para que ela seja possível. No *Guérréhès*, aquando da partida da barca maravilhosa que transporta o corpo de Brangemor para o outro mundo, a corte, imóvel, segue-a com o olhar, até a perder de vista (v.9492-3). Também Guinglain, ao casar com a princesa, casamento que sanciona a sua pertença ao mundo arturiano, tem saudades da fada.

Concluindo rapidamente, direi que esta alternativa entre incesto e ordem genealógica é a questão bio-antropológica e metapsicológica por excelência, pois ela

⁵ Parece evidente que o que se passa e o que é visado nestes romances é a distinguir da estratégia das narrativas genealógicas cujo objectivo é atribuir uma origem mítica (maravilhosa) a uma determinada linhagem, legitimando a ordem agnática da família e o controle da transmissão da propriedade que esta permite (evitando a sua fragmentação). No romance o tema genealógico não interessa uma dinastia mas apenas um indivíduo. O tema genealógico toma a forma da relação do sujeito ao nome do pai, quer seja para o assumir quer seja para se livrar dele.

fundamenta a estruturação da sociedade humana como ordem cultural assim como a estruturação do sujeito constituindo-se nessa mesma ordem. Mas o duplo deslocamento do motivo do encontro feérico, acentuando o tema genealógico, está provavelmente relacionado com uma determinada situação socioeconómica da aristocracia⁶, a quem se destinavam principalmente estes romances.

Bibliografia

- Aymon de Varennes (1932) *Florimont*, ed.A.Hilka, Göttingen, M. Niemeyer
- Chrétien de Troyes (1982) *Le Chevalier au Lion*, ed. Mario Roques, Paris, Champion
- Coolput-Storms, C., ed. (1993) *Première Continuation de Perceval* (ms.L), Paris, Livre de Poche/Lettres Gothiques
- Gildea,J., ed. (1967) *Partonopeu de Blois*, Villanova, Villanova UP
- Renaut de Beaujeu (1983) *Le Bel Inconnu*, ed.Perric Williams, Paris, Champion
- Bloch,H. (1989) *Étymologies et généalogies*, Paris, Seuil
- Chênerie, M-L. (1986) *Le chevalier errant*, Genève, Droz
- Duby,G. (1979) *La société chevaleresque*, Paris, Flammarion
- Duby,G. (1988) *Mâle Moyen Âge*, Paris, Flammarion
- Harf-Lancner,L. (1984) *Les fées au Moyen Âge*, Genève, Slatkine

⁶ Georges Duby caracterizou a situação da aristocracia em França por volta no tempo de Philippe Auguste como a de uma classe que, ameaçada por dificuldades económicas decorrentes do advento de uma economia monetária e da ascensão social da burguesia, se empenha em representar-se a si própria como uma classe una, homogénea, aderindo a um mesmo sistema de valores e de ideais (Duby1979:123-4; Duby1988:153-4). As narrativas linhagísticas ou genealógicas cumprem a função de representar a aristocracia na sua superioridade social e moral hereditária. Também os romances, ao fazerem de um cavaleiro anónimo um filho de Gauvain contribuem para a representação da aristocracia como classe homogénea.

Jauss,H-R. (1963) “Chanson de geste et roman courtois (analyse comparative de *Fierabras* et du *Bel Inconnu*)”, *Chanson des geste und höfischer roman /Studia romanica*, 4, Heidelberg, Carl Winter, p.61-77

Pickens,R.T. (1975) “*Estoire, lai and romance: Chrétien’s Erec and Cliges*”, *Romanic Review*, 66, p.247-62

Ruiz Domenec, J.E. (1986) *La mujer que mira*, Barcelona, Biblioteca Filológica

Vincensini,J-J. (1996) *Pensée mythique et narrations médiévales*, Paris, Champion

Estruturação figurativa da narrativa melusiniana (Vincensini 1996: 146-7)

3 percursos dispendo 10 figuras

A. Percurso de individuação

1. Disponibilidade, singularidade, precaridade

B. Percurso de aquisição

2. encontro espacial e choque sensorial
3. consentimento do mortal ao interdito
4. respeito do compromisso exigido
5. gratificações e felicidade

C. Percurso de perda

6. consentimento à transgressão
7. violação do tabu
8. renúncia do ser feérico
9. separação dos cônjuges; inversão espacial

A . Individuação final

10. retorno do ser humano à condição essencial

Contos morgonianos

Ser humano **vai** para o outro mundo

União estéril

Estadia definitiva do ser humano no outro mundo

Contos melusianos

Ser do outro mundo **vem** para o mundo humano

Descendência

Desaparecimento definitivo do ser do outro mundo